

teatro

BR. TBES.C. 501

3

“Woyzeck” volta amanhã. Bom para quem ainda não viu

O grupo Artistas Reunidos, que está estreando com este espetáculo, volta amanhã, às 21 horas, ao Teatro Galpão (avenida Beira-Mar, ao lado do restaurante Classe A) com sua montagem de **Woyzeck**, de Georg Buchner, sob a direção geral de César Huapaya. No último fim de semana, o grupo conseguiu atrair um maior número de espectadores (na sessão de domingo havia cerca de cem pessoas, lotando o teatro) e, também, sensibilizar a SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), que reduziu pela metade o preço da taxa cobrada por cada apresentação.

Bom para o grupo e bom para o público, já que assim muita gente terá oportunidade de assistir a um trabalho artístico feito com carinho e competência, num projeto ousado. Huapaya, que já havia surpreendido no ano passado com a ótima montagem de **Fuente Ovejuna**, de Lope de Vega, acertou de novo. Corajosamente, escolheu um texto de autor desconhecido no Brasil e inaugura um novo espaço teatral (ur: a sala de dança, usada anteriormente por Denize Marques na sua Escola de Balé de Vitória). É das mais criativas e de bom gosto a utilização do espaço, que se transformou num pequeno teatro aconchegante, que aproxima bastante o público dos atores.

Oscar Gama, uma das pessoas em Vitória que mais leva a sério a pesquisa teatral, escreveu um longo artigo cheio de entusiasmo pela montagem de **Woyzeck**. E como ele sabe o que fala, transcrevo trechos de suas opiniões, numa tentativa de contribuir para o debate sobre o espetáculo. Primeiro ressalta o aspecto vanguardístico, em termos de teatro capixaba, do trabalho. Diz que César

Huapaya “procurou se manter no domínio da **aperfeiçoamento**, do que está além do perfeito e do imperfeito, incorporando à sua concepção de **Woyzeck** tudo aquilo que o subdesenvolvimento local o impediu de conseguir, como a adesão total de parte dos atores aos seus planos para a interpretação e para os figurinos, a

lembrando que outra peça de Buchner, **A Morte de Danton**, foi montada nas obras do metrô carioca por Aderbal Júnior. “As barras e os espelhos antes usados pelas bailarinas foram mantidos e incorporados à montagem, de maneira que, por exemplo, o reflexo dos atores no espelho parece ser uma alusão ao duplo ar-



José Augusto e Ary Roas em Woyzeck

execução de uma cenografia mais elaborada, etc”. E acrescenta: “Huapaya procurou ler **Woyzeck** por meio das lentes **arracionais** (isto é, que estão além da razão e da irrazão) que percorrem os olhos de Artaud e de Nietzsche”.

Gama ressalta o uso do espaço pelo diretor,

esse Artaud que, em **O Teatro e seu Duplo** (veja **O Teatro da Crueldade**, primeiro manifesto), manifestou até mesmo a intenção de encenar **Woyzeck**. Ainda nesse **O Teatro da Crueldade**, Artaud sugere a eliminação da barreira entre palco e platéia, sugestão que, a despeito de usar

soluções e formas diferentes, também seria feita por Grotowski no seu **Em Busca do Teatro Pobre**. Assim, pode-se dizer que a exploração do espaço cênico, efetuada pelo grupo Artistas Reunidos, sofreu influência de ambos, visto que se eliminou parte da separação entre o público — que está distribuído de modo tal que a ação o envolve — e os atores.

Situados ao mesmo nível do chão que os intérpretes e pisando as mesmas tábuas barulhentas, os espectadores tanto podem sentir o cheiro e a respiração do ator (como pretendia Grotowski) quanto ouvir os gritos e os sons (como pretendia Artaud) que fazem o solo de madeira reverberar e sacudir todos que o pisam, em uma vibração tão abaladora quanto um carinho. As cadeiras do público estão situadas em torno de uma região central, semelhante a um picadeiro, em que se desenvolverá a maior parte da ação.

Cordas, um pequeno tablado e alguns bancos terminam de compor o cenário. A idéia grotowskiana de utilização de figurinos e cenários parece ter influenciado ligeiramente o trabalho de Regina Célia Schmitt, responsável por esse setor, que por vezes deixa a cargo de adereços e de patominas o trabalho de criar cenários e figurinos dotados de uma viva expressividade teatral. Uma cenotécnica eficiente opta, como aconselha Brecht, por manter visíveis os mecanismos teatrais, mostrando que o teatro é uma casa de trabalho: a mesa de iluminação não está oculta, a preparação do ator para entrar em cena pode ser presenciada por qualquer um que desviar os olhos do centro de ação, etc.”

TINOCO DOS ANJOS

ARQUIVO
PÚBLICO
ESPÍRITO
SANTO